

Teatro Catarse ou Teatro Intervenção?

O TEATRO COMO CATARSE

Horácio (65 a.C. a 8 a. C), filósofo romano, escreveu que a função do teatro é entreter e educar.

Na época Clássica, antes que a maioria das pessoas pudesse ler, antes que a maioria das pessoas fosse à escola, antes até de haver escola para a maioria das pessoas, o teatro foi um dos lugares nos quais as pessoas podiam aprender algo. Teatro é ação, portanto, muito mais dinâmico que uma figura. As pessoas também aprendiam por meio de rituais, mas que rituais eram ensinados? Rituais de obediência, para aquilo que as autoridades religiosas e políticas quisessem que fosse feito, realizado. O teatro era diferente, era libertador. No teatro, as pessoas viam como os indivíduos do mito ou as grandes figuras da História viviam suas vidas.

No teatro, as pessoas aprendiam de forma surpreendente que esses seres mitológicos ou famosos, mesmo os deuses, tinham os mesmos problemas que as pessoas comuns tinham. Maridos e esposas e amantes que brigavam, alguém que matava alguém, pessoas lutando pelo poder, por propriedade e reputação. Édipo, cuja história foi contada pelo grande poeta trágico, o grego Sófocles (497 ou 496 a.C. a 406 ou 405 a.C.), tinha sérios problemas familiares: ele matou seu pai e se casou com sua mãe. Ele não sabia, obviamente, dessa condição; ele era, por assim dizer, *inocente* da gravidade do parricídio e do incesto cometidos, mas, mesmo assim, ele os cometeu. E pagou o preço por isso, feriu seus próprios olhos e foi para o exílio. O caso de Édipo é certamente extremo; todavia, o desejo do herói realizado é também o desejo que muitas pessoas têm, embora elas não realizem o que Édipo realizou.

O teatro deu às pessoas uma chance de experimentar indiretamente aquilo que de vez em quando acontece, de modo infeliz, na vida real, cotidiana. Essa experiência *fictícia* operava como uma espécie de educação emocional, assim como a liberação de sentimentos perturbadores – o que Aristóteles (384 a.C. a 322 a.C.) chamou de “catarse”, o suscitar das emoções de terror e compaixão por meio de suas representações.

Mas por que seria o teatro necessário? Não podiam os indivíduos aprenderem diretamente com a vida? A vida está em torno de nós, nós a *vivemos* a cada momento. Mas esse é o problema – a vida vivida demanda ação. Quando alguma coisa acontece, precisamos tentar arrumar as coisas, tirar alguma vantagem da nova situação, tentar evitar o perigo, e por aí em diante. Se eu vejo um acidente na rua eu muito provavelmente irei de pronto ajudar ou chamar alguém para ajudar. Eu não posso simplesmente assistir ao sofrimento real e alheio. O teatro, porém, oferece-me esta oportunidade, este privilégio de *apenas assistir* e, não obstante, aprender realmente com uma variedade de ações. O teatro fornece uma espécie de *meditação ativa*. Eis o paradoxo teatral: o que acontece em cena está realmente acontecendo ainda que não esteja de fato acontecendo. O que acontece é a encenação do acontecimento, não o acontecimento em si mesmo. Crimes terríveis, hediondos, grandes amores e mesmo eventos cotidianos tais como comer e falar *tomam lugar* no teatro, mas em um segundo nível, reflexivo. Isso incomodou Platão, que criticou veementemente o teatro por ser uma espécie de recorte do *real*. Isso não é, contudo, uma desvantagem, mas sim uma bela oportunidade de observação das paixões humanas e reflexão acerca de suas consequências; para experimentar essas emoções sem o ônus de sofrê-las, de ser acometido pelas reais feridas ou terrores ou amores ou desejos evocados por essas emoções. No teatro, as pessoas podem desfrutar de todos os sabores da vida sem terem de pagar o preço real de vivê-las. Na medida em que refletimos sobre isso começamos a comparar o que acontece com aqueles personagens com aquilo que nos acontece, imaginamos se reagiríamos da mesma forma sob as mesmas circunstâncias. Seja a resposta positiva ou negativa,

ainda assim aprendemos com isso. Aprendemos sobre nós mesmos, aprendemos sobre os outros. No teatro, o público não apenas sente simpatia pelos personagens como também começa a perguntar “O que eu faria se eu estivesse nessa situação?”. Como disse anteriormente, Aristóteles escreveu sobre o terror e a compaixão, como sendo as emoções provocadas pela Tragédia. Não chegou a nós o ensaio aristotélico sobre a comédia; todavia, talvez ele tivesse escrito que as comédias suscitariam as emoções do escárnio e do encantamento.

E um outro paradoxo apresenta-se: o resultado próprio da catarse. Pela experimentação de fortes emoções em cena, nós nos livramos, por assim dizer, dessas mesmas emoções, nós nos tornamos mais calmos, tranquilos. Nós nos descarregamos. E esse sentimento de descarrego é muito satisfatório. Seja como for, a ação de esvaziar é sempre sadia.

O TEATRO COMO INTERVENÇÃO

Há, evidentemente, um tipo de teatro na contramão do teatro como catarse, definido por Aristóteles. Trata-se do teatro que convida – não, convoca – à ação, à resposta, à intervenção. Estou pensando acerca do trabalho de Augusto Boal (1931 a 2009) e o seu *Teatro do Oprimido*. A prática de Boal baseou-se em grande parte nas ideias desenvolvidas por Paulo Freire em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, em especial, a necessidade de que as pessoas libertem a si mesmas. As ideias de Boal apresentam-se, assim, como antiaristotélicas. Ele não buscava um público que meditasse sobre o que acontecia em cena. Não estava à procura de um público a ser despertado apenas emocionalmente, para então purgar-se daquelas fortes emoções, de terror e de compaixão. Ele estava em busca de espectadores para intervenção, para transformar o estabelecido, para de fato prevenir-se contra o caráter trágico dos acontecimentos. Ele queria um teatro para ensinar às pessoas que elas podiam entender as situações em que viviam e que as oprimiam – e para isso elas precisariam tomar uma atitude, uma atitude especificamente concreta, para burlar essa opressão.

De uma certa maneira, Aristóteles foi um pessimista com relação a vida, ao passo que Boal era um otimista.

Aristóteles acreditava que a tragédia nos ensinava que havia certas situações em nossa vida que eram insolúveis – você não pode prever o futuro, mas sabe certamente que durante a vida alguma grande tristeza ou mesmo uma catástrofe pode ocorrer, eventos para os quais não há remédio ou esperança. O teatro, assim, nos oferecia uma maneira de enfrentar tudo isso. Boal percebia a vida de modo distinto desse. Ele sentia que algumas catástrofes, ao menos assim chamadas, não eram naturais ou predeterminadas, eram na verdade causadas pela sistemática opressão do povo. Boal pensava que o teatro podia ensinar as pessoas sobre quem e o que as oprimia e, não obstante, oferecer modos de se opor e de se sobrepor à opressão.

Em suma, Aristóteles e Horácio falavam sobre a vida emocional, enquanto Freire e Boal trabalhavam em vista de uma transformação social. Boal não estava muito interessado por aquilo que as pessoas sentem, ele não buscava suscitar nelas os sentimentos de terror e de compaixão. Boal apontava para espaços na sociedade em que a injustiça acontecia. Ele tomava o teatro para mostrar às pessoas modelos de ação que poderiam auxiliá-las a oporem-se e sobrepor-se à injustiça.

Quem estava certo? Aristóteles ou Boal?

Texto adaptado a partir da entrevista feita com Richard Schechner, publicado pela revista Educação e Realidade.

Original disponível em: <http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/13502>